

Avaliação Participativa no Ensino Superior: Vivências nos Processos de Ensino e Aprendizagem

Participatory Evaluation in Higher Education: Experiences in the Teaching and Learning Processes

Jéssica de Oliveira Andrade Borges¹, Ana Cláudia Tasinaffo Alves², Patrícia Pereira da Silva³

¹CEJA Creuslhi de Souza Ramos (Escola Plena), Av. Centro Oeste, 735, Setor Vila Nova Confresa, MT, Brasil.

^{2,3}Departamento de Ensino, Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) Campus Confresa, Av. Vilmar Fernandes, 300, Setor Santa Luzia, Confresa, MT, Brasil.

Resumo

O presente artigo traz uma reflexão sobre a Avaliação e uma proposta de Avaliação Participativa para o Ensino Superior. Tem como objetivo analisar o impacto que esse método avaliativo teve durante o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes do curso de Licenciatura de núcleo comum, em Biologia, Física e Ciências da Natureza com Habilitação em Química do IFMT *campus* Confresa, durante as aulas da disciplina de Projeto Integrado de Práticas Educativas III. A aplicação do projeto foi construída na perspectiva de socialização, significação, colaboração e inclusão dos atores e dos saberes, nos processos de ensino-aprendizagem. Como instrumento de apoio se utilizou a plataforma *Moodle*, que promoveu uma interação entre os participantes, o que facilitou alcançar os objetivos. A pesquisa contou com a participação de dezenove estudantes, e para a coleta de dados os estudantes responderam um questionário de quatro questões, em que era necessário atribuir pontos de acordo com alguns critérios pré-definidos e apresentar uma justificativa sobre a nota atribuída. Os resultados incluíram o envolvimento dos participantes, em sua própria avaliação, e se observou que a auto avaliação vai além do que o docente pode perceber. Estes desfrutarão da liberdade imposta pela autovigilância e compromisso no desenvolvimento das tarefas coletivas.

Palavras-chave: Avaliação Participativa; Ensino Superior; Ensino-Aprendizagem.

Abstract

This article brings a reflection on the Evaluation and a proposal for Participatory Evaluation for Higher Education. It aims to analyze the impact that this evaluation method had during the teaching and learning processes of the students of the Common Core Licensure course, in Chemistry, Physics and Biology of the IFMT *campus* Confresa, during the classes of the Integrated Project of Educational Practices discipline III which I work as a teacher. The application of the project was built from the perspective of socialization, meaning, collaboration and inclusion of actors and knowledge, in the teaching and learning processes. As a support instrument, a Moodle platform is used that promoted an interaction between the participants, which facilitates reaching the objectives. The research involved the participation of nineteen students, and for data collection students answered a questionnaire on the questions, where it was necessary to assign points according to some pre-defined criteria and provide a justification on the grade awarded. The results included the involvement of the participants in their own assessment and observation that self-assessment goes beyond what the teacher can perceive. They will enjoy the freedom imposed by self-surveillance and commitment to the development of collective tasks.

Keywords: Participatory Evaluation; University education; Teaching-Learning.

Introdução

Ao atuar no Ensino Superior e estar imbricada em estudos em uma perspectiva construtivista, dialógica e emancipatória nos processos de ensino-aprendizagem, buscou-se a partir de uma problemática vivenciada, na prática pedagógica, responder ao seguinte questionamento: qual mudança se pode observar ao utilizar a Avaliação Participativa como método avaliativo nos processos de ensino-aprendizagem dos estudantes durante a disciplina de Projeto Integrado de Práticas Educativas – III, do curso núcleo comum: Licenciatura em Ciências da Natureza com Habilitação em Química, Licenciatura em Física e Licenciatura em Biologia do IFMT – *campus Confresa*?

Os processos avaliativos empregados no Ensino Superior no Brasil, em sua maioria, são de total domínio do docente e estes dispensam a participação e envolvimento dos estudantes. Após reflexões sobre esse contexto se buscou um método avaliativo que envolvesse os estudantes nesse processo, pois se considera que a Avaliação Participativa, quando inserida no contexto dos processos de ensino-aprendizagem dos estudantes do Ensino Superior, pode se apresentar como alternativa de mudanças com foco na autonomia e emancipação do estudante.

Apresentar um método de avaliação centrado no construtivismo sem que a prática pedagógica seja gerida por meio das concepções construtivistas propiciam valores contraditórios. Não há como praticar avaliações embasadas no construtivismo, tendo como pano de fundo a pedagogia tradicional, filosoficamente esta é uma ideologia centrada na visão estática sobre o humano [1]. E não há como trabalhar a prática da avaliação que permeia os enfoques construtivistas que são dinâmicos, em meio a uma pedagogia que compreende o estudante como um ser pronto, e se este se apresenta pronto não faz sentido investir em autoconstrução. E nas escolas brasileiras essa ideologia tem sido hegemônica.

Para que todo método avaliativo apresente ação efetiva é necessário iniciar pelo planejamento e atentar-se para os cuidados durante a execução das ações planejadas. Se, durante o planejamento ou execução, apresentar falhas na ação do docente, o método avaliativo pode não apresentar todas as mudanças esperadas. A avaliação da aprendizagem dos estudantes deve estar centrada no desenvolvimento do ser humano. Todos os envolvidos no processo educativo são uma célula única e devem atuar em um sentido único, em que o desenvolvimento dos estudantes seja o foco [1].

Como alternativa de mudança no processo de ensino-aprendizagem a proposta da Avaliação Participativa se baseia na construção coletiva do conhecimento por uma aprendizagem voltada aos objetivos e valores da formação humana e do desenvolvimento da sociedade. Prevalece no processo da Avaliação Participativa mais que uma verdade absoluta, indiscutível, neutra, mas também a verdade social, que se baseia na contextualização e fruto dos entendimentos em cada comunidade.

Neste processo é imprescindível que a participação dos sujeitos esteja comprometida com a comunicação. Não se trata de uma pura objetividade, mas de uma construção jamais acabada socialmente,

amplamente participativa buscando a compreensão dos significados em todos os processos da educação e, para tanto, os sujeitos se assumem como corresponsáveis [2].

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o impacto que esse método avaliativo teve durante o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes do curso de Licenciatura de núcleo comum, em Biologia, Física e Ciências da Natureza com Habilitação em Química do IFMT campus Confresa, durante as aulas da disciplina de Projeto Integrado de Práticas Educativas III. Durante o segundo semestre de 2017 no IFMT *Campus Confresa*.

Avaliação: conceitos, histórico e desafios

Não se pode pensar em Educação sem se atentar para a Avaliação, pois essa faz parte do contexto histórico, social e cultural da humanidade e desde o princípio se faz necessário utilizar alguma ferramenta de avaliação no desempenho escolar. Neste país, a avaliação está embasada predominantemente nas teorias tradicionais [1]. O processo histórico da avaliação no país vem sofrendo modificações, entretanto, ainda caminha em um ritmo muito tímido e todas as avaliações são fundamentadas em algum princípio e embasadas em referências, a maior parte desses está diretamente ligada aos processos de formação pedagógica do docente [2].

Toda avaliação opera com valores, nenhuma avaliação é desinteressada e livre das referências valorativas dos distintos grupos sociais. Toda avaliação se funda em alguns princípios, está de acordo com determinadas visões de mundo e busca produzir certos efeitos, ainda que esses pontos de partida, ideologias e objetivos nem sempre estejam claramente explicitados [2] (p. 16).

Ao observar os métodos de avaliação, que são utilizados dentro da prática tradicionalista, os procedimentos costumam ser ritualizados e incentivam a reprodução. Neste enfoque, “as práticas educativas podem reproduzir modos de subjetivação individualista e possessivo através da avaliação”. [3] (p. 3). Os métodos de avaliação, nestas práticas tradicionais, nem sempre contribui para formar sujeitos políticos, participativos e cidadãos reflexivos. Com esse método não há possibilidade do uso da avaliação como recurso de construção de resultados bem-sucedidos, visto que o papel do docente é classificar o estudante em níveis [1].

Os processos avaliativos tradicionais são criticados por apresentar um padrão único e técnico para avaliações que tratam de situações que são humanas e complexas. “Um processo de avaliação não pode ser uma fôrma que, uma vez aplicada, atenda qualquer assunto de interesse coletivo”. Compreender as formas de avaliações e suas atribuições técnicas e políticas são formas de elucidar a verdade possível e honesta sobre uma situação. Neste aspecto, é importante entender as racionalidades que estão presentes nos diferentes formatos de avaliação, para distinguir seus possíveis efeitos, desejáveis e não desejáveis e suas implicações de fronteiras [4] (p. 14).

A avaliação é um recurso pedagógico disponível ao docente para que auxilie o estudante na busca de sua autoconstrução. Diante disso, os instrumentos avaliativos devem estar disponíveis ao docente como meio de observar o estudante durante os processos de ensino-aprendizagem. Enfatiza que a avaliação permite reconhecer a eficácia ou ineficácia dos seus atos e dos recursos pedagógicos utilizados e se necessário promover a intervenção diante dos resultados [1]. A avaliação deve se manter contínua, além de apresentar os resultados dos estudantes, a mesma deve ser utilizada também como ferramenta de diagnóstico para o docente. “Se a aprendizagem em uma turma de estudantes se apresenta insatisfatória, não basta estarmos atentos somente ao desempenho do estudante. Importa saber que fatores estão intervindo para que se obtenha esse resultado” [1] (p. 285).

A avaliação das atividades desenvolvidas pelos estudantes é uma das competências dos docentes e não se trata de um fazer a mais. A avaliação é um ato pedagógico que ao estabelecer metas através do planejamento e a execução deste envolve a avaliação, e o foco é a produção dos resultados desejados. Se os resultados não se apresentarem satisfatórios, o docente deverá repensar os métodos utilizados durante as aulas e se as ferramentas estão indo ao encontro dos estudantes da determinada turma [1]. Vale reforçar que repensar a prática desenvolvida durante o período letivo é a principal forma de atingir os objetivos necessários, fazendo as correções sempre que encontradas as possíveis insatisfações e até mesmo as falhas que o método pode apresentar para cada turma.

A prática reflexiva segundo [5] é a base de uma análise metódica, regular, instrumentalizada, serena e causadora de efeitos e finaliza dizendo que tal competência só pode ser adquirida por meio de um treinamento intensivo e deliberativo. Para ele: “a prática reflexiva é um referencial para os inovadores, formadores, autores de recursos e métodos de ensino” [5] (p. 47). Agindo assim, o docente não apresentará decisões arbitrárias. Muitos docentes fundamentam seus métodos de avaliação na formação que receberam, reforçam que aprenderam assim e continuará ensinando como aprendeu. “Dessa forma, a avaliação da aprendizagem não é nem pode continuar sendo a prática pedagógica tirana que ameaça e submete a todos com um poder discriminatório” [1] (p. 263 e 264).

Poucas tarefas podem apresentar tantas dúvidas e podem chegar a criar tantas contradições para os docentes, independentemente dos níveis educacionais em que estejam atuando, como as relacionadas à avaliação e às atuações ou decisões associadas a essa. “E as dificuldades, dúvidas e contradições aumentam ainda mais quando inserimos nossa atividade docente na perspectiva de uma concepção construtivista do ensino-aprendizagem” [6] (p. 198).

A concepção construtivista é um instrumento que auxilia o docente nas análises das situações educativas e atua como ferramenta para a tomada de decisões inteligentes [6]. Não se trata de um livro de receita, “mas um conjunto articulado de princípios em que é possível diagnosticar, julgar e tomar decisões fundamentais sobre o ensino” [6] (p. 10).

Neste aspecto, enfocam que o ensino não é uma atividade rotineira e estática. Ensinar vai além dos planos fechados e esses raramente se adaptam às situações vivenciadas em sala de aula. Os autores

reforçam que devem ser utilizados alguns questionamentos, que serão instrumentos de análise e reflexão. Como os estudantes aprendem? Por que aprendem e quando aprendem? Que posso/devo fazer para que aprendam? Aprender é repetir? Esse método se mostra adequado na medida em que apresentam algumas explicações sobre as interrogações.

A avaliação da aprendizagem, nos moldes construtivistas, deve estar fundamentada na investigação, buscar o diagnóstico e, se necessário, a intervenção com propostas de soluções que viabilizem os resultados. E, principalmente, o objetivo central deve ser a qualidade do aprendizado dos estudantes. O docente deve atuar como pesquisador e neste enfoque atentar-se para alguns detalhes [1].

Os estudantes precisam compreender os objetivos do objeto de investigação. Levar em consideração o fator humano e entender que os estudantes sempre podem aprender e se desenvolver. As dificuldades apresentadas pelos estudantes deverão ser entendidas como desafios e o docente investirá mais nos estudantes e ao apresentar efetiva disposição de intervenção e investimento todos aprendem e se desenvolvem. Faz-se necessário observar os instrumentos a serem utilizados de forma que a coleta de dados e os instrumentos sejam adequados afim de produzir resultados satisfatórios [1].

A avaliação, em todos os níveis de ensino, tem se mostrado desafiadora, [2] e a avaliação da Educação Superior é um terreno complexo. Não há muitos entendimentos sobre o que deve ser a Educação Superior, conseqüentemente, tampouco sobre a avaliação. A avaliação no Ensino Superior é algo desagradável tanto pelos esforços requeridos quanto pelo constrangimento que representa avaliar [7]. Para amenizar essas dificuldades é importante que o docente desenvolva critérios de avaliação e o mesmo deverá ser exposto aos estudantes para que esses saibam quais são os processos de avaliação na qual estão envolvidos.

O maior problema da avaliação no Ensino Superior está no fato de que normalmente ela envolve sérias conseqüências para quem está sendo avaliado. As notas que o estudante recebe não apenas determinarão se ele será aprovado ou reprovado. Elas poderão afetar sua autoestima, influenciar sua motivação pelos estudos, reforçar o interesse pelo abandono do curso[7], (p. 239).

Com o intuito de amenizar essas dificuldades apresentadas, o método de avaliação em estudo é a Avaliação Participativa. Trata-se de um método de avaliação ainda pouco utilizada, especificamente, na Universidade, se encontra um número reduzido ou pouco divulgado de ações ou autorias sobre o tema [7], [3]. Neste método de avaliação se busca, constantemente, o envolvimento dos estudantes durante os processos de estudos e, também, nos momentos avaliativos, e se observa que os mesmos contribuem diretamente com o processo avaliativo.

Auto avaliação é o processo pelo qual as pessoas se apercebem do quanto aprenderam e em que medida se tornaram capazes de proporcionar a si mesmas informações necessárias para o desenvolvimento da aprendizagem. Trata-se, pois, de um processo que requer o desenvolvimento de habilidades como as de observar a si mesmo, e comparar e relacionar seu desempenho com os objetivos propostos e de atitudes, com honestidade pessoal para conhecer tantos os seus sucessos como as suas falhas [7] (p. 253).

Neste método é proporcionado aos estudantes a autonomia da própria avaliação, portanto, realizar essa avaliação requer responsabilidade e liberdade de expressão para que estes possam expor suas conquistas, acertos e dificuldades encontradas durante o processo de ensino-aprendizagem. A Avaliação Participativa apresenta caráter formativo. Envolve os processos de socialização, democratização e os resultados retornam enriquecidos com novas aprendizagens, e fortalece ainda a autonomia pessoal[2].

O docente deve respeitar a curiosidade, a fala, a linguagem sem apresentar ironia que venha minimizar o estudante. Considera que o docente que não atribui os limites da liberdade dos estudantes e não está presente respeitosamente na formação dos mesmos está transgredindo os princípios fundamentais da ética da existência humana [8]. “O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros” [8] (p. 58).

Nesse sentido, a Avaliação Participativa é um método avaliativo emancipatório. Sabe-se que os participantes adquirem autonomia da construção de seus próprios conhecimentos, o que possibilita a eles intervir nas dificuldades encontradas e superar os desafios, que lhes são impostos pela própria realidade social e cultural.

À participação nos processos avaliativos corresponde um compromisso com as ações requeridas por esses processos. Os participantes se tornam solidariamente responsáveis pela melhoria. São sujeitos situados no campo da problematização, da negociação dos sentidos, das contradições. Aqui se introduz uma noção de autonomia, não como poder absoluto, mas como capacidade de compreender e de assumir os limites pessoais e sociais [2] (p. 30).

Em sua obra, apresenta quatro condições para a boa realização da Avaliação Participativa. Para ele, a primeira é a “garantia de liberdade comunicativa”. Na segunda condição ele enfoca que “para que haja permanente motivação, os participantes precisam sentir que a avaliação tem valor, consequências e utilidade”. Em terceiro afirma que “os participantes devem assumir o compromisso de fazer da avaliação um fecundo processo de aprendizagem, de crescimento social e de melhoramento institucional”. Por fim, deve ser assegurada, por parte da instituição, “a liberdade de expressão” [2] (p. 31 e 32).

As quatro condições apontadas vêm de encontro com o sucesso da Avaliação Participativa. Observa-se que, se alguma dessas condições não for garantida aos participantes os mesmos podem não obter os resultados almejados. Nesta perspectiva, a Avaliação Participativa vai muito além do método avaliativo tradicional.

Aos participantes deve ser garantido o direito da livre manifestação, e estes devem ser incentivados em todo o tempo à reflexão. Os processos de reflexão e discussões devem acontecer coletivamente e fortalecer a autonomia cidadã e institucional. Não haverá transformação consistente e duradoura na educação se simplesmente a avaliação vier impulsionada por dispositivos legais e burocráticos e não contar com a adesão e o comprometimento dos sujeitos concernidos para a solução dos problemas que lhes dizem respeito [2].

A Avaliação Participativa busca a investigação-ação. Reforça a autonomia autogerida mais acima de tudo reforça que os processos de aprendizagem devem estar embasados na colaboração com todos os envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem. Esse método aponta que esse momento de oposição entre a própria autonomia e colaboração são características do momento vivido em educação [3].

Paulo Freire, em consonância com Leite, estabelece que “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém” e, neste aspecto, a pedagogia da autonomia deve estar centrada em experiências estimuladoras de tomada de decisões e de responsabilidade e experiências que respeite a liberdade [8] (2011, p. 105) [3].

Nesse enfoque, a avaliação se constitui em um espaço de crítica “e um processo de formação que incluem dimensões técnico-científicas e, principalmente, ético-políticas. Muito mais que medir, constatar, verificar e checar, a avaliação deverá, coletivamente, interrogar e construir respostas” [2] (p. 34). Poderia, então, considerar a avaliação não como um simples programa, mas como estratégia, que projeta valores e age, tendo em conta as interveniências e as modificações que ocorrem por força das ações [2].

O método tradicional de avaliação estabelece relações verticalizadas. Nesse enfoque, o docente exerce poder sobre o processo de ensino-aprendizagem, porém a Avaliação Participativa se faz emergir uma nova cidadania, fundada em relações horizontais entre cidadãos, entre docentes e estudantes. No entanto, justamente porque a Avaliação Participativa se nutre da democracia, essa apresenta vários limites. Entre os limites figuram a sua fragilidade e o seu alcance. Essa depende da autovigilância e auto interesse dos protagonistas [4].

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada com metodologia descritiva e exploratória que busca elucidar a experiência vivenciada. Esse formato é mais comum na área de ensino, por não se quantificar em números a relação ensino-aprendizagem.

Este modelo de pesquisa está centrado na interpretação de dados e atribuição de significado aos sujeitos. “Buscam a compreensão do fenômeno social segundo a perspectiva dos atores através de participação em suas vidas. Focalizam significados e experiências; ação ao invés de comportamento” [9] (p. 30). A aplicação do projeto foi construída na perspectiva de socialização, significação, colaboração e inclusão dos atores e dos saberes, no processo de ensino- aprendizagem.

A pesquisa foi desenvolvida e aplicada no IFMT – *Campus Confresa*, durante o primeiro semestre do ano letivo de 2017, na turma 2016 do núcleo comum dos cursos de Licenciatura em Física, Biologia e Ciências da Natureza com Habilitação em Química, durante a disciplina de Projeto Integrado de Práticas Educativas III. A pesquisa contou com a participação de dezenove estudantes.

O tema abordado e trabalhado com os estudantes durante o desenvolvimento da pesquisa envolve aplicações das Leis Federais nº 10.639/2005 e nº 11.645/2008 no contexto escolar e como trabalhar esses

conceitos em sala de aula. O desenvolvimento da pesquisa se estendeu do dia 25 de julho de 2017 a 15 de setembro de 2017.

Como as leis em estudo tratam das culturas afro-brasileiras e indígenas, no primeiro encontro os estudantes foram apresentados ao tema por meio de uma demonstração com fotos de diferentes culturas do mundo e se observou que algumas causavam certa estranheza nos estudantes. Partindo desse princípio, foi reforçado que só é estranho aquilo que não se conhece e os estudantes se sentiram instigados em conhecer as culturas apresentadas. Esse momento teve impacto direto nos momentos seguintes, por ter estimulado a busca pelo assunto exposto.

Foi apresentada aos estudantes a Avaliação Participativa, método no qual os estudantes seriam avaliados. Em um consentimento geral ainda não tinham conhecimento desse método de avaliação. Muitas dúvidas sobre o método apresentado se instauraram na turma, e se seguiu com o esclarecimento dos questionamentos apresentados. Como se tratava de uma novidade foi notória a curiosidade deles sobre o método de avaliação apresentada. As principais dúvidas eram como se daria a participação dos estudantes no processo avaliativo, outras foram se a avaliação teria valor como os outros métodos conhecidos.

Os estudantes se mostraram interessados em participar desse método, eles afirmaram que em outros momentos já haviam avaliados os colegas, mas se auto avaliar para eles era uma novidade. Isso enfoca que a Avaliação Participativa difere muito dos métodos conhecido pelos estudantes. Aborda que a distinção da Avaliação Participativa de outras formas de avaliação é a ausência da figura do expert em avaliação, ou seja, do especialista, cujo conhecimento específico sobre o processo avaliativo se converte em poder particularizado sobre esse processo [4].

Foi explicado que se trata de um método avaliativo centrado na perspectiva construtivista, que “o ato de avaliar vai além das quatro paredes da sala de aula, a complexidade dessa ação preocupa todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem no contexto educativo” [10] (p. 1).

Em seguida, foi apresentado aos estudantes a plataforma *Moodle*, suas funções e principais aplicabilidades. A plataforma *Moodle* foi escolhida como ferramenta para o desenvolvimento da pesquisa por se tratar de um ambiente de troca de informações entre os estudantes e docente. Esta ferramenta proporciona uma maior interação dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Como o método de avaliação proposto busca essa maior interação, a plataforma auxiliou neste aspecto, por meio dessa, os envolvidos podiam interagir em todos os momentos. Os temas abordados durante as aulas são acessados pelos estudantes por meio da *web*, na qual esses entram em contato com os conteúdos e interagem com os demais colegas, sempre que necessário.

Na aula seguinte, os estudantes foram encaminhados à sala de computadores para criarem uma conta na plataforma e, neste momento, eles receberam as orientações sobre a utilização da mesma. Posteriormente, a turma foi dividida em quatro grupos, cada um recebeu um tema que constava na ementa da disciplina, foram esses: Expulsões de terras dos povos indígenas e africanos; Vozes silenciadas (povos

indígenas e africanos); Identidades estigmatizadas (povos indígenas e africanos); As diversidades dos povos africanos e indígenas. Os temas foram disponibilizados na plataforma separados por tópicos e cada grupo dispunha de um campo exclusivo para os estudos.

Na plataforma, os estudantes encontraram separadamente os assuntos do grupo, foram eles: *links*, artigos, textos, livros, imagens e algumas leis com o intuito de auxiliar os estudantes durante a construção de um seminário que, posteriormente, foi socializado aos demais estudantes. Como o curso é de licenciatura e eles serão futuros docentes, os grupos ainda tinham que desenvolver uma metodologia para abordar o tema em sala de aula.

Os estudantes tiveram liberdade para realizar os estudos por meio da plataforma *Moodle*. Cada um determinava o momento dos estudos por se tratar de uma plataforma *on-line*. O período de preparação e leitura dos textos encaminhados foi de um mês e, em seguida, teve início as socializações em sala de aula, que se estendeu por quatro semanas.

Cada grupo dispôs de um total de uma hora e quarenta minutos para apresentação, complementos e participação dos estudantes presentes e algumas contribuições da docente da disciplina. Em seguida, foi disponibilizado na plataforma uma auto avaliação. Cada participante respondeu às perguntas livremente, conforme se verá na discussão dos resultados.

Resultados e Discussões

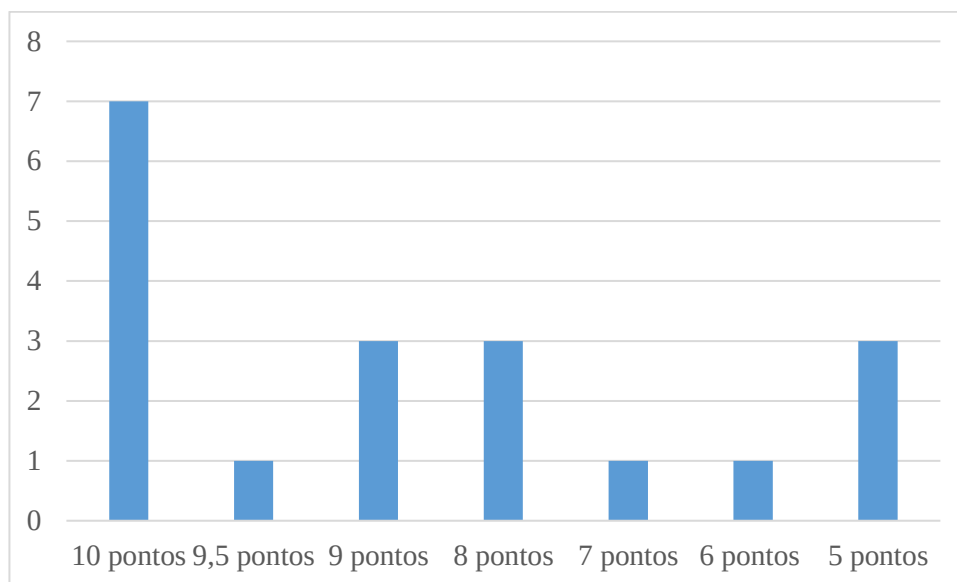
Na perspectiva da utilização do método de Avaliação Participativa, no processo de ensino-aprendizagem, atribui ao docente o papel de orientador. Para tanto, os planejamentos não estão baseados em respostas prontas, todas essas são respondidas de acordo com as dificuldades apresentadas. Os planejamentos pedagógicos envolvem orientar os estudantes, promover o diálogo e a livre comunicação entre os envolvidos, oferecer as ferramentas necessárias para o desenvolvimento das atividades propostas, além de considerar os conhecimentos prévios dos estudantes, pois este se torna efetivamente significativo. “Os seres humanos têm tendência a trabalhar mais e sentem-se muito mais motivados quando as atividades de aprendizagem que iniciam fazem sentido, em vez de não o fazerem, e se podem lembrar e depois articular pelas próprias palavras” [11] (p. 31).

Para a coleta de dados os estudantes responderam um questionário com quatro questões. Era necessário atribuir pontos de acordo com alguns critérios definidos e apresentar uma justificativa sobre a nota atribuída. Para análise dos dados foram apresentadas as justificativas que os 19 participantes mencionaram ao atribuírem os pontos em cada questão. Ao apontar as justificativas, os estudantes relataram as falhas encontradas durante o processo e a reflexão realizada por eles enriquece os momentos da avaliação.

4.1 Resultados obtidos referentes à Questão 1

Questão 1 “Avalie seu empenho e dedicação durante os estudos do assunto em questão. (0 – 10 Pontos)”. Segue a figura 1 com os pontos atribuídos para a primeira questão.

Figura 1 – Pontuação dos Estudantes de acordo com a Questão 1



Fonte: organizado pelas autoras com base nos dados da pesquisa (2017)

De acordo com a figura 1, sete estudantes atribuíram a pontuação máxima, mas nas justificativas nove estudantes consideraram ótima sua participação no desenvolvimento dos trabalhos em grupo, apontaram que cumpriram adequadamente todas as etapas, afirmaram também que o tema despertou interesse por ser um tema pouco estudado. E, por fim, que o tempo para os estudos e a execução do trabalho foi adequado. A Avaliação Participativa exige seu tempo próprio, o processo de sensibilização, o processo de discussão, a retórica dialógica envolve muito tempo e o “[...] tempo alongado esgota o interesse dos participantes. Por outro lado, sem a disponibilidade negociada de tempo dos participantes não se constrói o processo” [4] (p. 75).

Os dois estudantes, que não atribuíram pontuação máxima, e ainda consideraram ótimo seu desempenho dos trabalhos em grupo não apontaram nenhuma falha durante os processos ou em seu desempenho. Embora as justificativas apresentem que eles se envolveram e realizaram todas as etapas dos estudos, porém não consideram suficiente para atribuírem todos os pontos. O que se pode observar é que alguns estudantes não estão contentes com o desempenho atual consideram que ainda podem explorar o seu potencial.

Seis estudantes consideraram sua participação boa e atribuíram pontuação entre nove e oito. Os quatro estudantes, que não se mostraram satisfeitos com seu desempenho, atribuíram pontuação entre 8 e

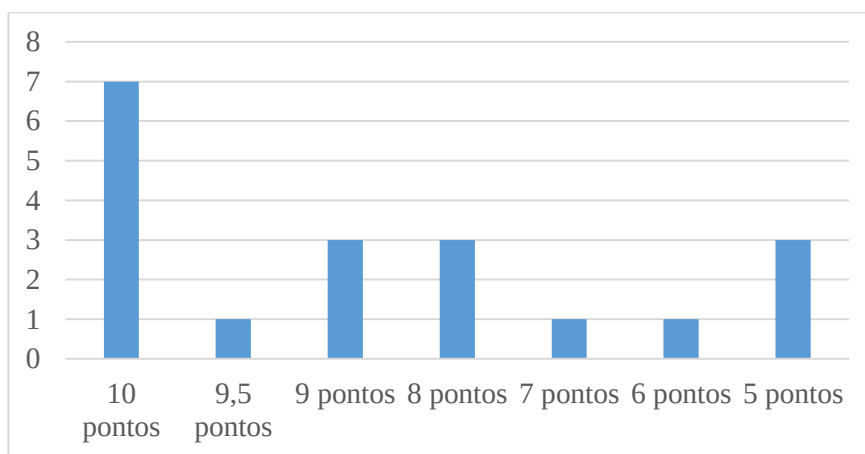
6, afirmaram que poderiam ter se empenhado e que podem melhorar, dois deles afirmaram que possuem dificuldade de interpretação de texto, mas que buscaram ajuda e orientação.

Este enfoque retrata que os participantes se tornam responsáveis pela própria melhoria de sua aprendizagem. “São sujeitos situados no campo da problematização, da negociação dos sentidos, das contradições. Aqui se introduz uma noção de autonomia, não como poder absoluto, mas como capacidade de compreender e de assumir os limites pessoais e sociais” [2] (p. 30).

4.2 Resultados obtidos referentes à Questão 2

Questão 2 “Avalie o trabalho coletivo, levando em consideração o empenho de todos os integrantes do seu grupo. Com base nos seguintes critérios: Participação nos ciclos de estudos; Envolvimento com o assunto trazendo sugestões e levantando questionamentos. (0 – 10 Pontos) ”.

Figura 2 – Avaliação dos estudantes de acordo com as respostas à Questão 2



Fonte: organizado pelas autoras com base nos dados da pesquisa (2017)

A figura 2 mostra que sete estudantes atribuíram a pontuação máxima, porém onze estudantes relatam que obtiveram bons resultados nos trabalhos desenvolvidos em grupo. Observaram que os momentos de discussão e troca de informações foram os mais importantes.

As discussões em conjunto e os momentos de colaboração facilitam todos os processos seguintes, pois nesses momentos são levantados os questionamentos e esses auxiliam na compreensão dos assuntos estudados, além disso, a socialização dos conhecimentos já adquiridos é fundamental nesse processo. Os estudos em grupos enriquecem os momentos de aprendizagem e atuam garantindo melhores resultados nos processos de construção dos conhecimentos [3].

As justificativas apontam que houve grande cooperação e responsabilidade dos integrantes do grupo. Esse comprometimento dos integrantes com as atividades propostas está diretamente associado aos resultados. Conforme [2], para se alcançar êxito na Avaliação Participativa, os participantes devem assumir o compromisso de fazer da avaliação um fecundo processo de aprendizagem, de crescimento

social e de melhoramento. Continua observando que a noção de autonomia, não atua conferindo a eles poder absoluto, mas como capacidade de compreender e de assumir os limites pessoais e sociais.

Afirmaram, também, que dividiram as atividades por afinidade e cada um ficou responsável por uma atividade diferente e auxiliaram os colegas sempre que apresentavam dificuldades. Este resultado reforça o estudo de [3], que afirma que o trabalho em grupo reflete que os envolvidos possuem habilidades diferentes e nos processos de socialização isso se torna evidente, e necessário para que os estudantes que demonstram maior facilidade em determinado aspecto possam contribuir com a equipe, o que torna este um grupo sólido. Os pontos de vistas também são diferentes, e a livre manifestação enriquece a compreensão dos assuntos estudados.

Cinco estudantes que atribuíram pontuação abaixo de oito afirmaram terem encontrado dificuldades em alguns dos processos de construção dos conhecimentos, algumas justificativas foram: não terem se reunido em todos os momentos destinados aos estudos em grupo, que houve pouca interação e a falta de diálogo durante as atividades.

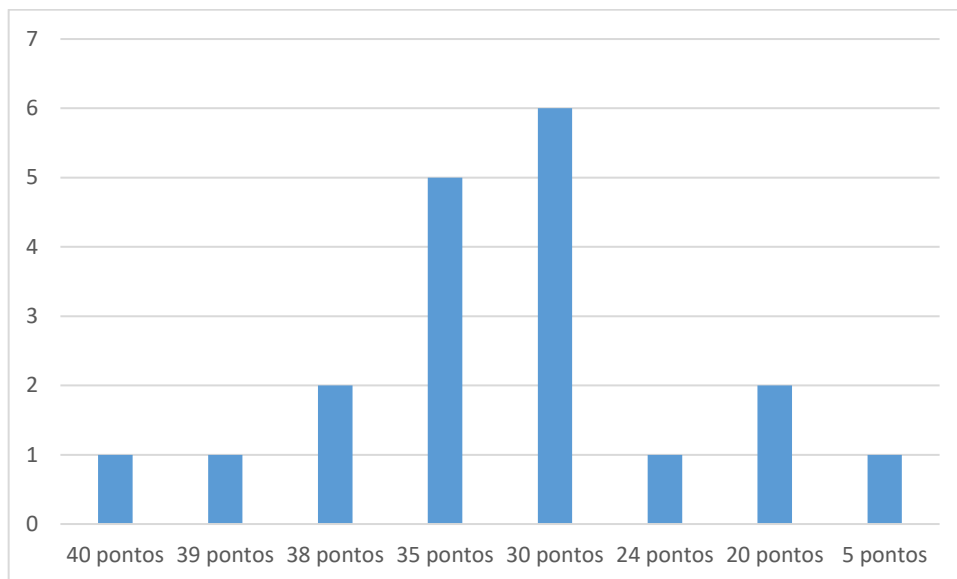
Um dos estudantes justificou que o grupo não pode se reunir como o esperado, porque parte dos integrantes trabalha e não puderam comparecer em alguns encontros, observaram que a falta de diálogo e interação entre o grupo refletiu no fechamento dos estudos. Afirmaram ainda que a falta de diálogo também dificultou o processo de socialização com os demais colegas em sala de aula. Os cinco estudantes foram críticos sobre o desenvolvimento dos trabalhos em grupo, relatam que em alguns momentos não consideraram algumas orientações e, portanto, apontaram que falharam nesta etapa. Ficou evidente que integrantes de um mesmo grupo apresentaram visões diferentes sobre o mesmo assunto. Isso é um reflexo de que as opiniões podem ser divergentes e ainda contribuir para o crescimento individual dos participantes, e reflete que a avaliação gira em torno da sua própria observação.

4.3 Resultados obtidos referentes à Questão 3

Essa questão trata da socialização dos assuntos com os demais colegas em sala de aula. Esse é o momento em que os conhecimentos adquiridos foram expostos para a turma. Por se tratar de uma graduação em Licenciatura, esse é um momento enriquecedor e que colabora para a prática futura, além de auxiliar para o melhor desenvolvimento da didática dos futuros docentes.

A figura 3 mostra que apenas um estudante atribuiu a pontuação máxima nesta questão e as justificativas apontam que eles foram extremamente críticos pessoalmente. A autocrítica, que acompanha as decisões dos protagonistas, requer autovigilância permanente para assegurar os bons resultados [4].

Questão 3 “Avalie sua exposição do assunto para toda a turma. (0 – 40 Pontos)”. Figura 3



Fonte: organizado pelas autoras com base nos dados da pesquisa (2017)

O nervosismo foi apontado por cinco estudantes como sendo uma das dificuldades encontradas durante a socialização, observaram que por essa razão se esqueceram de compartilhar assuntos importantes e necessários e relataram que não conseguiram compartilhar com tanta eficiência os assuntos estudados, alegaram ainda que o nervosismo e as dificuldades de socialização em público contribuíram.

Quatro estudantes apontaram algumas dificuldades, porém observaram sua evolução com socializações em público. Dois deles mencionaram que não usaram textos auxiliares durante a apresentação o que consideraram um grande avanço. Observaram também que a prática constante de apresentação e socialização para a turma está contribuindo para o avanço pessoal. Os estudantes assumiram um compromisso com a avaliação e essa se tornou um fecundo processo de aprendizagem, crescimento e melhoramento pessoal [2].

Três estudantes se mostraram insatisfeitos com seus desempenhos, a pontuação atribuída por eles foi entre 20 a 5. Citaram que não possuem facilidade com apresentações e que não se preparam como gostariam para a apresentação. Nesta forma de avaliação os estudantes precisam observar a si mesmos, comparar e relacionar seu desempenho com os objetivos propostos com honestidade pessoal para conhecer tanto os seus sucessos como as suas falhas [7]. O que atribuiu menor pontuação ressaltou que no dia da apresentação enfrentava problemas pessoais e que não conseguiu evitar que isso atrapalhasse seu desempenho.

Nesta questão, a pontuação atribuída não está em consonância com as justificativas. Sete estudantes apontaram que atingiu um grau de satisfação elevado. Reforçam que se sentiram protagonistas do próprio aprendizado, reforçaram que o dinamismo da participação foi o caminho para alcançarem os objetivos, tanto na fase da preparação quanto na etapa de apresentação. Outros relataram que se sentiram seguros em compartilhar os pensamentos sobre os assuntos, pois foi ressaltada a livre comunicação e o

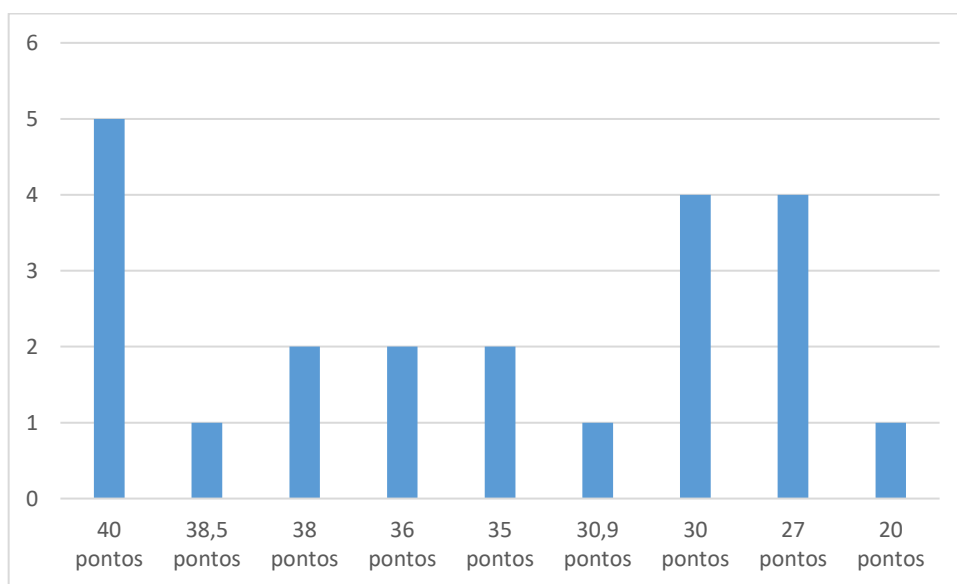
direito aos pensamentos divergentes. Mesmo apontando que obtiveram êxito na apresentação, as justificativas deles apontam que ainda podem explorar seu potencial e que não estão satisfeitos com o desempenho atual. Apenas um estudante entre os sete não apontou nenhuma mudança ou insatisfação com o próprio desempenho.

Por meio deste método avaliativo, os estudantes percebem o quanto aprenderam e adquirem a habilidade de observar a si mesmo, comparar e relacionar seu desempenho com os objetivos propostos, com honestidade pessoal para conhecer tanto os seus sucessos como as suas falhas. Diferente do método tradicional, que apresenta padrões definidos, este confere aos estudantes uma visão sobre si mesmos [7]. Os estudantes não se mostraram satisfeitos, porque observaram que não exploraram toda capacidade e por meio da Avaliação Participativa se sentiram estimulados a atingirem todo potencial.

4.4 Resultados obtidos referentes à Questão 4

Questão 4 “Avalie o grupo como um todo durante a apresentação do assunto aos demais colegas. (0 – 40 Pontos) ”.

Figura 4



Fonte: organizado pelas autoras com base nos dados da pesquisa (2017)

A figura 4 mostra que cinco pessoas consideraram 100% o desenvolvimento do grupo, porém dez estudantes, em suas justificativas, apontaram que atingiram todos os objetivos sem apresentar nenhuma falha durante os processos de construção dos conhecimentos. Justificaram que durante a socialização em sala não houve manifestação de dúvidas, mas sim muitas contribuições e relatos de experiências por parte dos ouvintes. Outros participantes observaram que os relatos e questionamentos, no momento da socialização, propiciaram um momento enriquecedor e de grande aprendizagem.

O bom resultado por eles alcançado foi justificado ainda pelo envolvimento durante todas as etapas dos estudos, além da responsabilidade e seriedade por parte dos integrantes. Declararam que os resultados foram satisfatórios por se tratar de um momento que relacionaram o tema estudado com a realidade atual. Afirmaram que os momentos de socialização, através da metodologia de uso do seminário, tornaram as apresentações mais dinâmicas e interativas. Abordaram que foi uma apresentação diferente e se sentiram instigados a questionar e a fazer contribuições no decorrer da apresentação.

As perspectivas de mudanças nas atitudes dos estudantes diante da possibilidade de realizarem uma Avaliação Participativa, que lhes permitiu ser autônomos e (res)significar conhecimentos produzidos a partir de uma metodologia de aprendizagem que é o seminário, algo que já tinham costume de fazer, mas que desta vez foi diferente, o seminário com a auto avaliação pode trazer novas experiências.

Diante disso, observou-se que a avaliação que cada estudante faz vai além do que o docente pode perceber. Cada participante fez suas contribuições, nas condições de espaço e tempo decidido coletivamente. Cada um dispôs da liberdade imposta pela autovigilância e compromisso no desenvolvimento das tarefas coletivas. “A ação fiscalizadora diz respeito a completude das tarefas auto impostas e sua visibilidade, transparência e resultados” [4] (p. 75).

Os 8 estudantes, que atribuíram pontuação entre 38,5 e 30,9, apontaram falhas durante o processo, os apontamentos foram: falta de ordem durante a apresentação, falta de postura por parte de alguns colegas, desvio de assunto e ainda que um dos integrantes não se envolveu em todas as atividades como os demais e ficou evidente durante a apresentação a falta de preparo do colega.

O estudante, que atribuiu a menor pontuação, afirmou que todos tiveram um ótimo desempenho, porém a sua participação não foi considerada satisfatória. O compromisso dos integrantes durante todo o processo é parte essencial para alcance dos objetivos. Esse compromisso reflete no trabalho final e é possível observar se cada participante se envolveu com responsabilidade [2].

Considerações Finais

O estudo proporcionou trazer para discussão e reflexão durante o processo de ensino-aprendizagem conceitos que (res)significam a prática pedagógica docente ao propor novas formas de planejamento, de metodologias e de avaliar não apenas a aprendizagem dos estudantes, mas que a avaliação possa também contribuir para o (re)planejamento do ensino.

Ao utilizar a Avaliação Participativa, em uma perspectiva construtivista, podem-se observar as mudanças na postura dos estudantes o que confere a eles maior envolvimento nos processos de ensino-aprendizagem e no planejamento docente. Por se tratar de uma metodologia fundamentada na construção dos conhecimentos, evita a subordinação e, em contrapartida, proporciona a autonomia.

As perspectivas de mudanças na prática docente se fundamentam na observação e orientação dos participantes em todas as etapas. Oferecer a autonomia não significa que o docente não tem atuação, pelo

contrário, esse é um momento rico e deve ser incentivada a livre manifestação e o respeito às divergentes opiniões. O papel do docente é mediar os debates e embates, não como detentor do conhecimento, mas como um agente que incentiva e busca os questionamentos. Cabe ao docente também proporcionar a autonomia aos estudantes, e esta os auxilia no exercício da tomada de decisões.

Por tratar de um método avaliativo em que os estudantes realizam a avaliação de si mesmo, não significa que o docente possui um afazer a menos, este não possui a palavra final como no método tradicional, antes leva em consideração todo o processo de construção que os estudantes realizam e até mesmo o fator humano que em muitos processos avaliativos são ignorados. O docente “perde” a palavra final da avaliação e esta é transferida aos estudantes.

As avaliações embasadas nos métodos tradicionais, ao qual muitas vezes eles são submetidos é notório uma hierarquia. O docente detém o poder avaliativo e os estudantes neste processo são agentes passivos não podendo contribuir com as etapas do seu processo avaliativo.

Esta maneira de avaliar permeia, em um campo novo, e tem se mostrado desafiador para o docente, que não está embasado nos métodos construtivistas. Enquanto docente da turma, o desenvolvimento da avaliação proposta ocorreu sem grandes mudanças no planejamento e execução do plano de ensino, pois uma das pesquisadoras já atua no Ensino Superior com uma visão construtivista.

No método tradicional, o docente atribui as notas partindo do próprio ponto de vista. Porém, neste método, o docente observa o estudante por meio da sua própria ótica. Leva-se em consideração todo o envolvimento dos estudantes e o julgamento que eles fazem de si mesmo. É importante registrar a avaliação que cada estudante faz sobre si durante as etapas dos estudos para observar as falhas e sucessos do método desenvolvido e aqui se torna mais fácil o processo de pensar e repensar a própria prática educacional.

As mudanças observadas na postura dos estudantes, por meio do método avaliativo apresentado, estão fundamentadas na liberdade de expressão e autonomia sobre a própria avaliação. Com esse método, os estudantes se sentiram integrantes dos processos avaliativos, essa por sua vez proporciona aos estudantes uma autonomia, em que não apreendem por situações impostas, mas sim desfrutam da livre manifestação e os momentos de aprendizagem não estão pautados em uma nota final. Essa nota é uma consequência do envolvimento e esforços dos participantes ao longo das etapas do aprendizado.

Cabe aqui ressaltar a importância da autonomia que o estudante possui sobre a sua própria avaliação. São momentos ricos em que os estudantes passam a entender todo o processo avaliativo e por se tratar de uma Licenciatura, esses conseguem entender o processo avaliativo a partir da própria percepção.

A Avaliação Participativa impactou os estudantes do Ensino Superior atribuindo a eles maior motivação, que desfrutaram da liberdade da construção dos seus próprios conhecimentos. O ato de se auto avaliar conferiu aos estudantes a autonomia e com essa veio a responsabilidade de superarem os próprios desafios. Nessa forma de avaliação é necessário a reflexão sobre os pontos positivos e os

negativos apresentados por esses e estes desfrutaram da liberdade de apresentar as dificuldades e desafios enfrentados. Em todos os momentos, os estudantes se mostraram motivados a participar de todas as etapas propostas por terem a garantia de que a avaliação que fizeram sobre eles mesmos teve valor, consequências e utilidade. Outro fator determinante foi não limitar o aprendizado à sala de aula, isso repercutiu diretamente nos resultados e os tornaram satisfatórios.

Enquanto docente da turma, a pesquisadora observou que para os estudantes houve uma maior tranquilidade durante os processos de ensino-aprendizagem. Os estudantes não são punidos por apresentar um trabalho considerado inferior ao docente, foi notória a tranquilidade e confiança ao longo de toda a observação.

Por não terem conhecimento do método avaliativo exposto, os estudantes vivenciaram momentos inéditos que proporcionaram a eles uma nova visão nos aspectos avaliativos e de si mesmos. Como os estudos do tema abordado não estavam restritos apenas à sala de aula, observou-se que os estudantes se sentiram livres para realizarem os estudos e foi notório o interesse e o compromisso demonstrado durante o processo avaliativo.

Cabe ressaltar a inquietação inicial sobre: qual a mudança se pode observar nos processos de ensino-aprendizagem dos estudantes do Ensino Superior ao utilizar a Avaliação Participativa como um método de avaliação? Observou-se que a Avaliação Participativa (res)significou tanto ao processo de ensino, ao permitir uma mudança na postura do docente, quanto ao processo de aprendizagem dos estudantes, e ao cumprirem todas as etapas propostas, a aprendizagem se estabeleceu de maneira efetiva, autônoma, democrática e descentralizada. Efetivamente, o método mostrou que os estudantes se sentiram parte de todo o processo avaliativo e a visão democrática e autônoma em que estavam envolvidos auxiliaram em todas as etapas do ensino-aprendizagem.

Referências

- [1] C.C. Luckesi. Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico. 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- [2] J. S Dias. Avaliação como instrumento da formação cidadã e do desenvolvimento da sociedade democrática: por uma ético-epistemologia da avaliação. IN: Avaliação Participativa: perspectivas e desafios / Organização: Dilvo Ristoff, Vicente de Paula Almeida Júnior. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2005. Disponível em: https://www2.unifap.br/gpcem/files/2011/09/Educacao-Superior-em-Debate_Volume-1_Simposio-Avaliacao-Participativa.pdf Acessado em 23 out de 2017.
- [3] D. Leite. Avaliação Participativa online e off-line. Campinas; Sorocaba, SP. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aval/v12n3/a04v12n3.pdf> Acessado em: out de 2017.
- [4] D. Leite. Reformas universitárias. Avaliação institucional participativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. Disponível em: http://www.ufrgs.br/innov/docs/refrmasuniv_avalaiainstpartic Acessado em: out de 2017.
- [5] P. Perrenoud. A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica /

Phipippe Perrenoud: tradução Cláudia Schilling. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

[6] I. Solé; C. Coll. Os professores e a concepção construtivista. In: C. Coll; E. Martins. A avaliação da aprendizagem no currículo escolar: uma perspectiva construtivista. C. Coll [et al.]; O construtivismo em sala de aula. Tradução Cláudia Schilling; revisão técnica Sônia Barreira. - 6. Ed. – São Paulo: Ática, 2009.

[7] A.C. Gil. Didática no Ensino Superior. 1. ed. – 10. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2017.

[8] P. Freire. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

[9] M. A. Moreira. Pesquisa em Ensino: aspectos metodológicos. *Actas del PIDECE: Programa internacional de Doctorado en Enseñanza de las Ciencias*, n. 19, p. 1-38, 2003. Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/pesquisaemensino.pdf>. Acessado em 10 de dez de 2016.

[10] P. P. Silva. Reflexões acerca da prática avaliativa nos processos de ensino e aprendizagem. VIII FIPED. Realize, 2016. Disponível em: <http://editorarealize.com.br>. Acessado em: 11 de out de 2017.

[11] D. P. Ausubel. Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva. 1 ed. Trad. Lígia Teopisto et. al. Lisboa. 2000. Disponível em: http://www.uel.br/pos/ecb/pages/arquivos/Ausubel_2000_Aquisicao%20e%20retencao%20de%20conhecimentos.pdf. Acessado 20 dez de 2016.